



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA-UEPB  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS-CCHA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES-DLH  
CURSO LICENCIATURA EM LETRAS**

**MIZIA NAIARA PEREIRA DA SILVA**

**SÃO BERNARDO: MARCAS VELADAS DA RESISTÊNCIA FEMININA**

**CATOLÉ DO ROCHA-PB  
2015**

**MIZIA NAIARA PEREIRA DA SILVA**

**SÃO BERNARDO: MARCAS VELADAS DA RESISTÊNCIA FEMININA**

Artigo apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profa: Ma. Doralice de Freitas Fernandes

**CATOLÉ DO ROCHA-PB  
2015**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586s Silva, Mizia Naiara Pereira da  
São Bernardo: marcas veladas da resistência feminina  
[manuscrito] / Mizia Naiara Pereira da Silva. - 2015.  
26 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e  
Agrárias, 2015.

"Orientação: Profa. Ma.Doralice de Freitas Fernandes,  
Departamento de Letras e Humanidades".

1.Mulher. 2.Resistência.3.Submissão. I. Título.

21. ed. CDD 305.4

MIZIA NAIARA PEREIRA DA SILVA

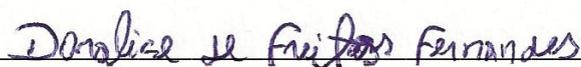
SÃO BERNARDO: MARCAS VELADAS DA RESISTÊNCIA FEMININA

Artigo apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para a conclusão do curso de Licenciatura plena em Letras.

Orientadora: Profa. Ma. Doralice de Freitas Fernandes

Aprovada em 17 de junho de 2015.

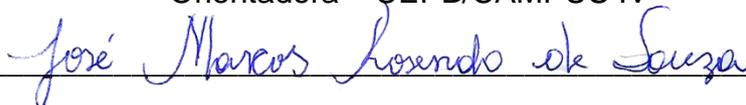
**BANCA EXAMINADORA**



---

Profa. Ma. Doralice de Freitas Fernandes

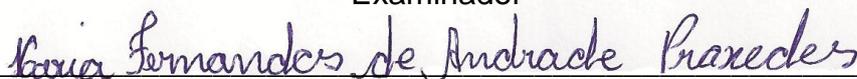
Orientadora – UEPB/CAMPUS IV



---

Prof.º Me. José Marcos Rosendo de Souza

Examinador



---

Profa. Ma. Maria Fernandes Andrade Praxedes

Examinadora

## AGRADECIMENTOS

**A Deus**, pelas muitas bênçãos concedidas, inclusive a de concluir este curso. És o meu refúgio e fortaleza, Senhor!

Aos meus pais **Assis Rosa e Rita Pereira** (*in memoriam*) que sempre me encorajaram a seguir em frente, mesmo com as dificuldades da vida.

A minha querida madrastra **Dalvaní Vieira da Silva**, por me ajudar nos momentos de dificuldade, por ser minha companheira fiel. Ela é um presente de Deus na minha vida.

**À minha família**, que sempre me apoiou e me fez acreditar que eu seria capaz de realizar tal sonho, especialmente meus irmãos que é o que tenho de mais precioso na vida.

Ao meu querido esposo **Marcos Tássio**, o qual sempre me acompanhou e auxiliou na jornada acadêmica com suas palavras de incentivo.

A todos os meus colegas da faculdade e amigos, pelos momentos de alegria, companheirismo e cumplicidade.

Aos colegas **Rafael, Flaviana, Gesiana, Edleide, Edlayne, Ravena, Andresa Wriely**, e aos demais que foram meus companheiros nessa jornada de aprendizado. Conservarei essa linda amizade!

Aos colegas de trabalho **Brunna, Jardel e Jamílson**, em especial a minha patroa **Jácia Suassuna** por compreender minha ausência diante das atividades acadêmicas.

À Banca Examinadora, por haver aceitado o convite em avaliar meu trabalho.

A todos os meus professores da Universidade pelo aprendizado, especialmente a professora **Doralice de Freitas Fernandes** pelo incentivo à literatura e por aceitar o convite para me orientar.

Dedico este trabalho à minha família que sempre me apoiou em todos os momentos da vida. Ao meu amado pai José Rosa da Silva Filho que esteve comigo compartilhando alegrias e tristezas. À minha querida mãe Rita Pereira da Silva que não está comigo de forma física, mas espiritual (*in memoriam*). Ao meu querido esposo Marcos Tássio da Silva pelo companheirismo e cumplicidade.

## RESUMO

Este trabalho bibliográfico, de caráter crítico-analítico, tem como finalidade analisar algumas marcas de resistência presentes na personagem Madalena, do romance brasileiro *São Bernardo*, de Graciliano Ramos. Perante um contexto de submissão feminina, Madalena rompe com os estigmas que a mulher carrega desde os primórdios, tais como: “mulher é sexo frágil”, “lugar de mulher é na cozinha”, entre outros. A referida personagem, no entanto, foge desses arquétipos patriarcais, que enaltecem somente o homem, e depreciam as mulheres. Madalena revela uma identidade de resistência à subjugação masculina, manifestada na figura de seu esposo Paulo Honório, este com o passar do tempo, se transforma em um homem insensível e egocêntrico, que comanda a todos ao seu redor. Madalena, no entanto, é mulher de conhecimentos, de visão humanitária e dedica-se a ajudar os desfavorecidos, o que enfurece o protagonista, o qual deseja que a mulher ocupe-se somente com afazeres domésticos. Desse modo, pode-se encontrar na personagem algumas marcas de resistência ao domínio masculino, que se manifestam de maneira implícita e velada. O resultado destas discussões mostra que mesmo numa sociedade com resquícios de mentalidade patriarcal, a mulher pode superar os estereótipos a ela direcionados, romper com paradigmas e conquistar sua autonomia. O respaldo teórico que conduziu esta pesquisa está em Beauvoir (1949, 1967), Bourdieu (2000), Koss (2000), Del Piore (1994), dentre outros.

**Palavras-chave:** Mulher. Resistência. Submissão.

## ABSTRACT

This bibliographic work, critical and analytical nature, aims to analyze some resistance markers present in the character Madeleine, the Brazilian novel *São Bernardo*, by Graciliano Ramos. Against a backdrop of female submission, Madalena breaks the stigma that the woman carries from the early days, such as: "women are the weaker sex", "woman's place is in the kitchen", among others. She, however, is beyond these patriarchal archetypes, which only praise the man, and depreciate women. Magdalene reveals a resistance identity to male subjugation, presented in the figure of her husband Paul Honorius, this one over time, it turns into an insensitive, self-centered man who runs all around. Magdalene, however, is a woman's knowledge, humanitarian vision and is dedicated to helping the disadvantaged, which infuriates the protagonist, who desires the woman Mind only with household chores. Thus, one can find the character some resistance markers to male dominance, which manifest implicit and veiled way. The outcome of these discussions shows that even on the achievements already made, women still struggle for equal treatment in every way. The theoretical underpinnings of this research is conducted in Beauvoir (1949, 1967), Bourdieu (2000), KOSS (2000), DEL Piore (1994), among others.

**Keywords:** Woman. Resistance. Submission.

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>1-</b>	<b>GRACILIANO RAMOS E O CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DA OBRA:</b>	
	<b>Tempo de crises.....</b>	<b>08</b>
<b>2-</b>	<b>PATRIARCADO <i>VERSUS</i> DOMINAÇÃO MASCULINA.....</b>	<b>11</b>
<b>3-</b>	<b>MADALENA: MARCAS VELADAS DE RESISTÊNCIA.....</b>	<b>14</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>23</b>
	<b>REFERENCIAS.....</b>	<b>24</b>

## INTRODUÇÃO

O romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos foi escrito na década de trinta, publicado em 1934 num momento em que o país vive certa instabilidade social. Esse período é marcado por vários acontecimentos, como a crise econômica, a revolução, o início da ditadura militar, entre outros. Esses eventos produziram fortes mudanças nas áreas da política, cultura, economia e também na literatura. Essas mudanças resultam num amadurecimento da literatura brasileira, a qual se volta, neste momento, para uma análise mais aprofundada e, conseqüentemente mais realista da sociedade. Surge então a fase do regionalismo nordestino, que objetiva retratar a dura realidade da região e daquele povo.

Este novo modo de literatura vem revelar, através da crítica social, os temas inerentes à região Nordeste como: a seca, o coronelismo, a tradição patriarcal, que é tão recorrente na região, o cangaço, entre outros. Em *São Bernardo*, Graciliano Ramos vem mostrar também a tradição patriarcal, tão fortemente enraizada no imaginário nordestino, a qual coloca o homem como ser superior à mulher, que por sua vez é estigmatizada e tida como frágil e inferior, em todos os sentidos. Na perspectiva patriarcalista há sempre uma relação de dominância. Em *São Bernardo*, o dominador se revela na figura do fazendeiro Paulo Honório, que tenta, a todo custo, controlar a esposa Madalena, que resiste sutilmente aos seus desmandos.

O intuito desta pesquisa é analisar algumas marcas de resistência encontradas nas ações da personagem Madalena, que não se adapta ao contexto de repressão o qual a mulher era submetida, e de forma camuflada vai contrapondo-se às ordenanças de Paulo Honório, seu esposo.

Este trabalho estrutura-se em três tópicos. No primeiro tópico se fará uma breve apresentação do autor, como também será situado o contexto sócio-histórico da obra, evidenciando assim os acontecimentos, as mudanças e rupturas ocorridas na década de trinta, período em que o romance foi escrito. O segundo tópico da pesquisa trará alguns conceitos e considerações importantes sobre o patriarcado e dominação masculina tão presentes na obra. E no terceiro tópico serão expostas, através de trechos da obra, algumas marcas da resistência feminina, que se apresentam nas atitudes da personagem Madalena.

## 1- GRACILIANO RAMOS E O CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DA OBRA: Tempo de crises

Graciliano Ramos é considerado um dos principais romancistas da geração de 1930, ocupando lugar de destaque na história da literatura brasileira. O autor da obra *São Bernardo* nasceu na cidade de Quebrângulo, no estado do Alagoas, filho primogênito de um casal sertanejo que teve quinze filhos. Além de se destacar como um grande literato exerceu outras atividades relacionadas à política e à vida pública.

Viveu em várias cidades do nordeste brasileiro, como Buíque, Maceió, Viçosa e Palmeira dos Índios, cidade onde foi prefeito em 1928. Do período de 1930 a 1936 fixou-se em Maceió onde foi diretor de imprensa e instrução do estado. Nesse mesmo período redigiu *São Bernardo* e *Angústia*. Em 1936, no governo de Getúlio Vargas, Graciliano foi preso acusado de subversão pelo fato de comungar e defender ideias políticas revolucionárias. Mesmo sem provas contra tais acusações Graciliano foi levado a várias prisões e só foi liberado no ano seguinte. Da convivência na prisão nasceu a obra *Memórias do cárcere* (1953), obra que se tornou um importante relato da experiência vivida pelo autor na prisão, e também depoimento de denúncia da realidade brasileira daquela época, realidade que estava pautada na repressão, autoritarismo e abuso de poder da era Vargas.

Em 1945, depois de libertado da prisão, Graciliano fixou-se no Rio de Janeiro e não retornou mais ao Nordeste. Nesse mesmo período integrou-se ao Partido Comunista Brasileiro; época que se consagrou como um dos maiores romancistas, considerado por muitos o sucessor de Machado de Assis. Em 1951, o elegeram presidente da Associação Brasileira de Escritores. No ano seguinte viajou a fim de conhecer a Rússia e os países socialistas, dessa experiência nasceu a obra *Viagem* (1953). Graciliano Ramos falece no Rio de Janeiro aos sessenta anos de idade.

A mais alta expressão do chamado romance de 30 está no regionalismo nordestino, o qual passou a suscitar e tratar de temas de cunho social, e Graciliano Ramos é um dos grandes disseminadores desse regionalismo, bem como de uma literatura mais engajada na sociedade da época, voltada agora para os problemas sociais. O regionalismo, movimento que adveio do modernismo passou a refletir e denunciar problemas que até então não eram abordados na ficção, como por exemplo, temas inerentes à região do nordeste tais como a seca, a disputa por terras, o cangaço, o coronelismo, o êxodo rural, a religiosidade, entre outros. Para o

teórico Alfredo Bosi (2006) esse foi um momento de maturidade da ficção e da literatura em geral e Graciliano Ramos esteve presente, de maneira efetiva, contribuindo com obras magistrais como os romances *Caetés* (1933), *São Bernardo* (1934), *Angústia* (1936) e *Vidas Secas* (1938), além destes acima citados, Graciliano foi autor de vários outros romances, como também contos e crônicas.

No que se refere ao estilo, o escritor alagoano foi detentor de uma linguagem incisiva, enxuta e econômica, e conseqüentemente clara, o que facilita a compreensão de suas leituras. Em relação à linguagem utilizada por Graciliano, Maria Isabel Brunacci (2008, p. 94) diz: “a linguagem é seca, lacônica, comprimida, reduzida ao essencial [...]”. O escritor conseguia através de sua linguagem realizar a proeza de exprimir fielmente a dura realidade do povo nordestino com suas dificuldades. Sobre a linguagem empregada em *São Bernardo*, obra em questão, Antonio Candido destaca:

Acompanhando a natureza do personagem, tudo em *São Bernardo* é seco, bruto e cortante. Talvez não haja em nossa literatura outro livro tão reduzido ao essencial, capaz de exprimir tanta coisa em resumo tão estrito. Por isso é inesgotável o seu fascínio, pois poucos darão como ele, semelhante ideia de perfeição, de ajuste ideal entre os elementos que compõem um romance (RAMOS, 1975, p. 9)

Desse modo, é notável a clareza, espontaneidade e coerência na linguagem de Graciliano, o qual consegue demonstrar, mediante vocábulos simples e cultos, os significados necessários à compreensão do leitor. *São Bernardo* foi escrito na década de trinta, publicado especificamente em 1934 em um contexto de fermentação política e ideológica, pois como se sabe, a década de 1930 é fortemente marcada por acontecimentos, que trouxeram uma considerável instabilidade ao Brasil. Foi um período de greves, tumultos, revoluções, rupturas, ou seja, foi um tempo bastante conturbado, que refletiu fortemente na vida do cidadão brasileiro e também na literatura brasileira.

Desse modo, a década de trinta foi um período de transição, de novos ideais e novos objetivos para a literatura brasileira. Com o fim da primeira Guerra Mundial a classe média burguesa, composta, em sua maioria, por jovens militares do nordeste brasileiro, membros do movimento do tenentismo, começou a ganhar força política, e não conseguindo adequar-se às muitas revoltas, as oligarquias são fortemente abaladas. Em 1929 ocorre a quebra na bolsa de valores de Nova Iorque, que

consequentemente atingiu, no Brasil, a aristocracia do café, o qual se tornou principal produto de exportação do país, levando seus preços à decadência. Simultâneo às revoltas que se passavam no país, a indústria e o operariado, que também começa a lutar por seus direitos, se fortalece. Nesse mesmo período é então organizada a Aliança Libertadora, criada pelos revoltosos que eram contra as práticas de governo do atual presidente Washington Luíz com um projeto político de incentivo à produção geral do Brasil e não somente a do café. A aliança libertadora venceu, levando Getúlio Vargas ao poder.

O país passou por um período conturbado, com muitas mobilizações sociais, nas quais as pessoas lutavam, de modo revolucionário, por melhores condições de trabalho e melhorias de vida. Com Getúlio Vargas no poder é dado início a chamada Era Vargas, a qual afirmava ser um modelo de estado defensor da industrialização, das medidas trabalhistas, dizia agir em favor dos marginalizados e desfavorecidos, e declarava a criação do salário mínimo. No entanto, sabe-se que a Era Vargas se revelou um sistema de governo que não era democrático, nem inclusivo, mas autoritário e repressor.

O advento da industrialização juntamente com os ideais da Era Vargas acarretaram em migrações do sertão para as grandes cidades, em busca de melhores salários e melhores condições de vida. Desse modo, a década de trinta revela um tempo de crises, de conflitos físicos, e ideológicos. Época de reivindicações e luta por direitos como o voto secreto, o voto feminino, os direitos trabalhistas e a liberdade de expressão. Os intelectuais e artistas de um modo geral, passaram pela experiência de sentir sua liberdade de expressão ser abafada, reprimida e interrompida em detrimento de um governo absolutista, imperioso e repressor.

As excitações político-sociais que marcaram a década de trinta como a crise econômica, a revolução, e entre outras, acabaram por reverberar na literatura, ou seja, as produções literárias desenvolvidas da década de 30, inclusive a de Graciliano Ramos, em destaque *São Bernardo* (1934) não deixaram de revelar, mesmo através da ficção, o real contexto histórico de sua época, em outras palavras, os romancistas partiram rumo a uma produção literária mais engajada na sociedade, como afirma Antonio Candido (1989, p. 182):

Os anos 30 foram de engajamento político, religioso e social no campo da cultura. Mesmo os que antes se definiam e até os que não tinham consciência clara do fato manifestaram na sua obra esse tipo de inserção ideológica, que dá contorno especial à fisionomia do período.

Neste sentido, no percurso até a década de trinta a literatura brasileira passou por um longo processo de amadurecimento. Pode-se entender que o turbilhão de acontecimentos, acabou por refletir nas produções literárias que não poderiam tomar outro rumo, se não o de refletir e engajar-se nos temas sociais, levando assim a literatura a uma evolução, “lançando-a a um estado adulto e moderno”, como afirma Bosi (2006, p. 409).

Diante de todo esse quadro de agitação, a região Nordeste, assim como as demais, achava-se em crise. Sendo que, além de ter que encarar problemas de decadência na estrutura social e econômica, pois a economia durante este período achava-se em declínio, também conta com um problema de ordem natural que é a seca, a qual castiga, há tantos anos, homens e mulheres da região. Segundo dados da Revista “ISTOÉ” (2013) no final da década de 30, o nordeste teve uma das oito maiores secas já registradas no século XX. Pode-se perceber que o país passava por instabilidades sociais. A crise mundial, assim como a do café, o nordeste em acelerado declínio, a revolução, todos esses eventos motivaram um novo estilo de escrita, linguagem e leitura.

Desse modo, os acontecimentos provenientes da década de trinta, bem como os reflexos desse contexto na literatura, possibilitaram uma visão e/ou leitura aprofundada, realista e mais madura.

## **2- PATRIARCADO VERSUS DOMINAÇÃO MASCULINA**

De acordo com a definição do dicionário Aurélio, *patriarcado* é uma espécie de organização social em que a autoridade é exercida por homens. No que se refere à ideologia, é a superioridade do homem nas relações sociais, ou seja, a figura masculina é superior ao gênero (feminino), desse modo, esta deve estar subordinada a ele em prestação de “obediência”. O patriarcado foi um paradigma social que influenciou a sociedade brasileira, sobretudo no século XIX, e pode-se constatar que ainda existem resquícios dessa ideologia na sociedade atual. Para a pesquisadora Heloisa Buarque de Hollanda:

O patriarcalismo teve sua origem e consolidação no meio rural, onde o poder se concentrava de forma absoluta na figura do senhor; no caso do Brasil, do senhor de engenho, que era autoridade máxima em nossa história remota. (1994, p.68)

Sob a ótica patriarcal, acreditava-se que com essa ideologia era a melhor maneira de se ter um consenso social, sendo que o homem detinha autoridade máxima sobre todas as coisas, enquanto que a mulher tinha que viver subordinada à essa autoridade. Aos homens era conferido o poder de estar em ambientes públicos, de tomar decisões, enfim ao homem era concedido o poder majoritário, enquanto que a mulher era silenciada e subjugada ao domínio masculino.

Essa tradição, originada no meio rural, acabou sendo transferida também para o meio urbano, tornando-se por muito tempo, (ou até os dias de hoje), uma prática constante da sociedade, é possível que ainda haja resquícios dessa mentalidade patriarcal e um tanto machista na sociedade brasileira, pois se pode perceber claramente que o gênero feminino continua bastante marginalizado pela sociedade atual.

O sistema patriarcal está ancorado em aspectos como dominação e autoritarismo. Neste sentido, Muraro elucida que: “a dominação do homem pelo homem e do homem sobre a mulher [...] são duas características essenciais do patriarcado” (MURARO, 1992, p. 74). A mulher ainda luta para ter seu lugar no meio social, e anseia por um tratamento igualitário, onde ela possa assumir, de fato, seu papel de cidadã, de sujeito pensante, capaz de opinar, intervir, tomar decisões próprias, ser ouvida, enfim que possa ser autora de sua própria história.

A mulher hoje luta por sua independência, em todos os aspectos. Influenciado pelo colonialismo português, o Brasil evidencia em sua literatura personagens que representam, fidedignamente, esse modelo patriarcal, o qual está tão presente na sociedade do século XIX. Vindo a se revelar mais acentuadamente no sertão nordestino, espaço onde é apresentada a obra *São Bernardo*.

Em *São Bernardo*, essas marcas patriarcais se revelam nas ações e nos discursos, ou seja, nos diálogos estabelecidos entre Paulo Honório, coronel proprietário da fazenda, e seus subordinados, ou mesmo para com Madalena, sua esposa. No entanto, esta não se rende a seu autoritarismo, pois não aceita, de forma alguma, as atitudes até desumanas do marido, como também a opressão a

que é submetida. No patriarcalismo, homem e mulher passaram a ter papéis distintos, o que acarretou em uma desigualdade de gêneros, pois esse sistema que, segundo Lerner (1993) teve sua origem mesmo antes da formação da civilização ocidental, veio se consolidando, afirmando-se e perpetuando-se através das gerações. Sem nenhuma resistência ou relutância expressiva por parte da mulher o homem passou, então, a assumir o papel de dominador, de detentor do poder, enfim de superior ao gênero feminino. Como o próprio nome denota, a tradição patriarcal tornou-se um hábito, um legado, uma tradição que era transmitida de pai para filho através das gerações.

Dentro desse sistema modelo, a própria mulher passou a compactuar com os ideais do patriarcalismo, pois a mesma aceitava, sem relutar, as atitudes autoritárias, opressoras e até desrespeitosas do homem, desse modo passava a educar seus filhos e filhas conforme os modelos patriarcais. No que tange à opressão da mulher pelo homem Beauvoir (1967) ressalta que “o opressor não seria tão forte se não tivesse cúmplices entre os próprios oprimidos”. Desse modo, as próprias mulheres aceitavam, sem nenhuma resistência, a repressão feita pelos homens.

Em vez de buscar uma autoafirmação enquanto sujeito, procediam em subserviência e silenciamento. Inseridas nesse contexto de supremacia masculina, as mulheres eram previamente instruídas para o casamento, para os cuidados do lar, como também dos filhos. Sua educação e seus conhecimentos não ultrapassavam o quintal de suas casas, sendo assim aprendiam somente o necessário, como cozinhar, costurar, enfim atividades estritamente domésticas. Assim, as mulheres estavam acomodadas a ocupar somente um espaço privado sem ao menos contestar sua situação de subordinada.

À mulher era destinado o espaço reservado, o lar, a vida doméstica, como descreve Virginia Woolf in Bourdieu (2002, p. 2): “[...] nós, ‘suas’ mulheres, nos vemos fechadas na casa de família, sem que nos seja dado participar de nenhuma das numerosas sociedades de que se compõe a sociedade”. Posto isto, é evidente que à mulher não era concedido o direito de estar em ambientes públicos ou mesmo participar efetivamente da sociedade, assim como o homem.

De acordo com Koss (2000, p. 220):

A relação de submissão e dominância está na base da sociedade patriarcal. É sustentada pela religião que endossa e justifica a dominância do homem sobre todos os outros seres, incluindo a mulher. Entre as razões que se arrola para este domínio, figura a maior força física do homem, que o torna 'naturalmente' um protetor da mulher, tida como vulnerável e indefesa.

A ordem patriarcal marcou a história das mulheres em geral, bem como da mulher brasileira, sendo assim, a religião no Brasil oitocentista contribuiu para a difusão dos ideais patriarcais, pois através do casamento, uma das instituições mais importantes da sociedade, a mulher que, outrora, estava sob domínio do homem na figura do pai, prossegue agora com seu papel de esposa, mulher abnegada e submissa ao marido, o qual não considerava seus anseios ou suas preferências.

### **3- MADALENA: MARCAS VELADAS DE RESISTÊNCIA**

*O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros, me põe numa posição em face do mundo que não é a de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta pra não ser apenas objeto, mas também sujeito da história. (Paulo Freire, 1996)*

Durante muito tempo as mulheres foram silenciadas e suas vozes abafadas diante da sociedade que estava ancorada no patriarcalismo histórico. Essas mulheres eram reprimidas e privadas de sua autoafirmação e emancipação, numa sociedade onde somente os homens eram detentores do poder. Del Piore (1994, p. 11) enfatiza que “a mulher na história do Brasil tem surgido recorrentemente sob a luz de estereótipos, dando-nos enfadada ilusão de imobilidade. Auto sacrificada, submissa sexual e materialmente [...]”

Neste sentido, pode-se entender que a polarização de opiniões referentes a mulher e todos os clichês relativos a ela, tais como “lugar de mulher é na cozinha”, “mulher é sexo frágil”, entre outros, derivam de um processo histórico, concomitante ao patriarcalismo e/ou coronelismo, os quais fizeram parte de nossa história. Durante esse tempo as mulheres, de um modo geral, escravas ou sinhás, pobres ou ricas, pretas ou brancas estavam inseridas em um contexto de submissão à figura masculina.

Por volta do ano 1960, com o desenvolvimento das teorias feministas e pós-estruturalistas, surgiram inicialmente nos EUA, os estudos de gênero com o intuito de explicar, pelo viés das construções sociais, as diferenças entre masculino e feminino, pois o fator biológico já não conseguia explicar, a fundo, as peculiaridades existentes entre ambos os gêneros, dessa forma, o fator biológico visava apenas à divisão/diferença de sexos, ou seja, questões meramente biológicas.

Em contrapartida, como diz Lauretis (1994) a representação do gênero é um processo de construção do indivíduo, que se dá por meio das relações sociais. Ainda sobre representação de gênero, especificamente sobre a mulher, a francesa Simone de Beauvoir ratifica:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre macho e o castrado que qualificam de feminino (BEAUVOIR, 1967, p. 9).

Nesta perspectiva, pode-se entender que no caso específico da mulher, não há uma predisposição, ou seja, ela não nasceu destinada à submissão ou tão pouco para ser oprimida pelo homem, este que, ao longo dos tempos, veio se afirmando como ser superior à mulher. Dessa forma, acreditamos que é a partir das relações sociais, das peculiaridades de cada cultura, como também do próprio indivíduo que se pode haver a construção de um gênero, seja ele masculino ou feminino.

*São Bernardo* foi escrito na década de trinta, período histórico no qual o regime patriarcal ainda prevalecia. Sob esse regime era definido nitidamente o papel dos gêneros, ao homem era designado o trabalho, os negócios, o sustento do lar, as decisões, enfim o espaço público, enquanto que a mulher deveria ocupar-se com os cuidados da casa e com os filhos, ou seja, deveria estar confinada em um espaço privado. No que diz respeito a repressão sofrida pela mulher na sociedade patriarcal Virgínia Woolf apud Bourdieu (2002, p.2) afirma:

Inevitavelmente, nós consideramos a sociedade um lugar de conspiração, que engole o irmão que muitas de nós temos razão de respeitar na vida privada, e impõe em seu lugar um macho monstruoso, de voz tonitruante, de pulso rude, que, de forma pueril, escreve no chão signos em giz, místicas linhas de demarcação entre as quais os seres humanos ficam fixados, rígidos, separados, artificiais.

Diante disso, constata-se que a mulher, sob a ordem patriarcal, estava completamente subordinada ao homem, devendo ocupar somente o espaço designado pelo marido, seu senhor. Sendo assim, ela não tinha nenhuma participação efetiva na sociedade. Em *São Bernardo* (2008) pode-se verificar que há uma relação, ou pelo menos, uma tentativa, de domínio sobre a mulher que se revela por meio dos personagens Madalena e Paulo Honório. A personagem Madalena de Graciliano Ramos é construída de maneira bem peculiar ao estilo do autor, sendo apresentada como uma professora primária, culta e de boa índole, que por falta de uma perspectiva de vida melhor, aceita a proposta de casamento do fazendeiro Paulo Honório, homem grosseiro, de personalidade rústica, complexa e dominadora. O protagonista pretende casar-se apenas com o intuito de ter um herdeiro para as terras de sua fazenda São Bernardo. Ao fazer o pedido de casamento à professora Madalena, Paulo Honório diz:

- Está aí. Resolvi escolher uma companheira. E como a senhora me quadra... sim, como me engracei da senhora quando a vi pela primeira vez. [...] A senhora, pelo que mostra e pelas informações que peguei, é sisuda, econômica, sabe onde tem as vendas e pode dar uma boa mãe de família (RAMOS, 2008, p. 32).

Diante disso, pode-se perceber que o objetivo do fazendeiro visa apenas o seu progresso pessoal. O desígnio central de Paulo Honório não é casar-se por amor, e sim por conveniência. O fazendeiro quer, simplesmente, uma mulher que ele possa controlar, e ser a mãe de seu herdeiro. Para o pensamento patriarcal era comum pensar a mulher como uma simples reprodutora, destinada a educar os filhos para o bem e administrar a casa. A princípio, a intenção de Paulo Honório para com Madalena é meramente fisiológica, ele quer um herdeiro para continuar seu legado, e Madalena é a mulher, a qual se encaixa nos seus moldes, e nas suas exigências.

Ao surgir a ideia de encontrar uma mulher e então casar-se, ele ressalta [...] “não me ocupo com amores, devem ter notado, e sempre me pareceu que mulher é um bicho esquisito, difícil de governar” (RAMOS, 2008, p. 20). A mulher causa certo receio para o fazendeiro, pois enfatiza que esta é um “bicho” difícil de governar. Neste sentido, ele demonstra seu caráter centralizador. A identidade de Paulo Honório está ligada a condição de proprietário, é ele o homem que sempre possui, conquista e tem domínio sobre coisas e até sobre pessoas. Trata friamente coisas,

bichos e pessoas numa relação de igualdade, como se pode ver na seguinte passagem:

[...] Bichos. As criaturas que me serviram durante anos eram bichos. Havia bichos do mato, como Cassimiro Lopes, e muitos bichos para o serviço do campo, bois mansos [...] Bichos. Alguns mudaram de espécie e estão no exército voltando à esquerda, voltando à direita, fazendo sentinela. Outros buscaram pastos diferentes (RAMOS, 2008, p. 194).

Na luta para tornar-se proprietário da fazenda, Paulo Honório se transformou em um homem insensível, de interesses próprios. Neste sentido, Madalena seria para ele um bom investimento, o qual lhe traria, de certa forma, benefícios. Era como se ela fosse uma boa máquina que lhe renderia um bom produto, seu herdeiro. Paulo Honório é, pois, detentor de uma personalidade complexa e até desumana. Seu objetivo é transformar em lucro tudo o que o cerca, a propriedade, os animais, e até mesmo as pessoas.

Pode-se constatar que em *São Bernardo* há uma relação de força e embate, que é exteriorizada através do protagonista para com todos aqueles que ele pretende dominar, os empregados da fazenda, os subalternos e até mesmo Madalena, mulher culta e inteligente. No entanto, os atributos, valores e princípios de vida que ela possui o inquietam e o deixam inseguro. Madalena, ao contrário de Paulo Honório, é mulher culta, instruída, sensível, bondosa e de aparente fragilidade, mas que possui uma enorme força que serve de embate contra o universo tosco e insensível do patriarca. Madalena chega a São Bernardo e traz consigo valores humanos que causam certo incômodo a Paulo Honório, tal como se pode verificar em suas palavras:

Madalena entrou aqui cheia de bons sentimentos e bons propósitos [...] As amabilidades de Madalena surpreenderam-me. Esmola grande. Percebi depois que eram apenas vestígios da bondade que havia nela para todos os viventes. Paciência (RAMOS, 2008, p. 108).

A benevolência, sensibilidade, a visão humanitária e delicadeza de Madalena acabam servindo de pontos de resistência à dominação do marido, que por sua vez, quer, a todo custo, 'governar' a esposa. O fazendeiro não admitia que estivesse sendo desafiado pela aparente fragilidade da mulher, e que suas virtudes abalaram as estruturas de seu poder dominante. Madalena era mulher letrada, culta

e de boa índole [...] “possuía um excelente coração” (RAMOS, 2008, p. 108). Tão notável era sua bondade que o fazendeiro afirma: “Conheci que Madalena era boa em demasia, mas não conheci tudo de uma vez. Ela se revelou pouco a pouco, e nunca se revelou inteiramente” (RAMOS, p. 103).

Pouco tempo após o casamento, começam os desentendimentos entre os dois. Madalena que, outrora, aparentava ser frágil mostra sua força, não correspondendo aos mandos e desmandos do marido centralizador, que não aceita, de modo algum, que a ela assista aos desfavorecidos ou interfira nos negócios da fazenda. Madalena passa a agir, sem a permissão dele, a fim de trazer progresso à escola e à fazenda. Ela começa a dedicar-se aos pobres e aos funcionários, ajudando-os em suas necessidades, o que enfurece o fazendeiro, que a queria apenas em casa assumindo o papel de ‘dona do lar’ e mãe. “Imaginei-a uma boneca da escola normal. Engano” (RAMOS, 2008, p. 97):

[...] é tolice querer uma pessoa ter opinião sobre assunto que desconhece. Cada macaco no seu galho. Que diabo! Eu nunca andei discutindo gramática. Mas as coisas da minha fazenda julgo que devo saber. E era bom que não me viessem dar lições (RAMOS, 2008, p. 102).

Madalena era mulher determinada e de conhecimentos, porém sua interferência nos negócios da fazenda embravecia Paulo Honório, pois seu desejo era que a esposa se ocupasse apenas com as obrigações da casa, lugar demarcado para a mulher/esposa da sociedade patriarcal. Isto é evidenciado no seguinte trecho da obra:

E dois dias depois do casamento, ainda com um ar machucado, largou-se para o campo e rasgou a roupa nos garranchos do algodão. À hora do jantar encontrei-a no descaroador, conversando com o maquinista. – Ora muito bem. Isto é mulher. Mas aconselhei-a a não expor-se: - Esses caboclos são uns brutos. Quer trabalhar? Combino. Trabalhe com Maria das Dores [...] – A ocupação de Maria das Dores não me agrada. E eu não vim para aqui dormir (RAMOS, 2008, p. 97).

Como se pode notar, pouco tempo após o casamento, Madalena começa a se revelar como uma mulher de iniciativas, solidária e envolvida em causas sociais. Ao propor que a esposa trabalhe na cozinha com Maria das Dores, Paulo Honório é surpreendido com a negativa de Madalena, a qual enfatiza que não se contenta

apenas com atividades domésticas e nem tenciona proceder como uma inútil. Esta se constitui uma das primeiras marcas de resistência da personagem.

Conforme Beauvoir (1949, p. 54) “A mulher não é uma realidade imóvel, e sim um vir-a-ser, é no seu vir-a-ser que se deveria confrontá-la com o homem, isto é, que deveria definir suas possibilidades”. Mesmo em um contexto de repressão feminina, onde o homem tinha ‘vez e voz’, Madalena se opunha ao que era destinado a ela. Mostrava-se convicta de seus ideais, não escondia seu anseio por igualdade social e não se intimidava perante os regulamentos do esposo, no qual a mentalidade patriarcal se arraigara. Madalena, com sua benignidade, se preocupava com os funcionários e moradores da fazenda, e intercedia por eles junto a Paulo Honório. Ao saber da situação de Mestre Caetano, antigo funcionário da fazenda que adoeceu de tanto trabalhar, ela afirma ao esposo:

[...] – A família de Mestre Caetano está sofrendo privações. - Já conhece Mestre Caetano? Perguntei admirado. Privações, é sempre a mesma cantiga. A verdade é que não preciso mais dele. Era melhor ir cavar a vida fora. – doente... – Devia ter feito economia [...] Uma doença qualquer, e é isto: adiantamentos, remédios. Vai-se o lucro todo (RAMOS, 2008, p. 97).

O trecho acima revela a atitude fria e desumana de Paulo Honório para com um de seus mais antigos funcionários, este que havia ficado doente, debilitado de tanto lhe prestar serviços. Para o fazendeiro ele havia perdido sua utilidade, por este motivo o tratou com tamanho desprezo. Madalena era mulher incomum à sua época, guerreira, de atributos intelectuais, conforme o trecho: “[...] Literatura, política, artes, religião... Uma senhora inteligente a dona Madalena. E instruída, é uma biblioteca [...] (RAMOS, 2008, p. 157). Mesmo não sendo apoiada em suas atitudes, e não sendo respeitada em suas decisões Madalena, até então, não retrocede nem estagna. Como pode-se ver no trecho abaixo:

Pela manhã Madalena trabalhava no escritório, mas à tarde saía a passear, percorria as casas dos moradores [...] Foi à escola, criticou o método de ensino de Padilha e entrou a amolar-me reclamando um globo, mapas [...] Seis contos de folhetos e pedacinhos de tábua para os filhos dos trabalhadores. [...] (RAMOS, p. 110).

Um dos principais motivos das discussões de Paulo Honório e Madalena era a oposição que havia entre os dois, de mentalidades, comportamentos, ideologias,

isto é, ambos possuíam propósitos distintos. O protagonista não conheceu nada além de desventuras e ambição. Enquanto Madalena portava-se delicada, Paulo Honório era ríspido e brutal. Podemos testificar da brutalidade do fazendeiro no capítulo 21, episódio em que ele deu ordens a seu empregado Marciano, e este respondeu de maneira que ele ficou furioso.

[...] Mandei-lhe o braço ao pé do ouvido e derrubei-o. Levantou-se zozno, bambeando, recebeu mais uns cinco trompaços e levou outras tantas quedas. A última deixou-o esperneando na poeira. Enfim ergueu-se e saiu de cabeça baixa, trocando os passos e limpando com a manga o nariz, que escorria sangue (RAMOS, p. 117).

Madalena presenciou este acontecimento, mesmo ao longe, ela pôde notar o modo cruel como o fazendeiro tratou seu empregado. Diante disso, ela não escondeu sua indignação e, mediante um diálogo conflitante com o esposo, ela exclamou:

[...] – É horrível! Bradou Madalena. – Como?– Horrível! Insistiu. – Que é? – o seu procedimento. Que barbaridade! Desproposito. [...] – como tem coragem de espancar uma criatura daquela forma?– Ah! Sim! Por causa do Marciano. Pensei que fosse coisa séria. Assustou-me. [...]– Bater assim num homem! Que horror! – Ninharia, filha. Está você aí se afogando em pouca água. Essa gente faz o que se manda, mas não vai sem pancada. E Marciano não é propriamente um homem [...] (RAMOS, p. 118).

Madalena não omitiu sua repulsa à postura do esposo, pois ela sempre agiu em favor dos desfavorecidos moradores da fazenda. Seus atos de bondade eram pontos de resistência ao marido dominador. Encontramos na personagem, não uma resistência física, e sim psicológica, pois seu pensamento não se aliava ao pensamento machista de Paulo Honório. Como todo proprietário de grande fazenda, Paulo Honório possuía vários moradores, que eram subordinados a ele. Dentre estes havia a velha Margarida, mulher que cuidou do fazendeiro quando criança, a quem ele chamava de 'Mãe Margarida'. Certo dia, ao percorrer a propriedade, o fazendeiro a encontrou à beira do riacho, e perguntou:

– Como vai isso, Mãe Margarida? A saúde? – Aqui vamos dando meu filho. Melhor do que mereço a Deus, disse a velha enxugando na saia de riscado os cambitos das pernas. – Falta alguma coisa lá no rancho? – Falta nada! Tem tudo, a sinhá manda tudo. Um despotismo de luxo: lençóis, sapatos, tanta roupa! [...] Só preciso uma esteira. Uma esteira e fogo. [...] E saí, agastado com Madalena (RAMOS, 2008, p. 126-127).

Madalena era altruísta, possuía ideais humanos e não se esquecia dos moradores da fazenda, mesmo sem o conhecimento e permissão de seu esposo, ela os ajudava. Deste modo, de forma sutil e velada, ela acabava resistindo aos regimentos do patriarca. Por não corresponder às suas expectativas, e resistir às suas vontades, Paulo Honório começa a nutrir ciúmes de Madalena com todos os homens da fazenda, como se pode ver no seguinte trecho quando ele se refere à esposa:

Comunista, materialista. Bonito casamento! Amizade com o Padilha, aquele imbecil. “Palestras amenas e variadas”. Que haveria nas palestras? Reformas sociais, ou coisa pior. Sei lá! Mulher sem religião é capaz de tudo (RAMOS, 2008, p. 139).

O fazendeiro iniciou uma profunda fase de desconfianças da esposa. Ele afirma: “Comecei a sentir ciúmes. O meu primeiro desejo foi agarrar o Padilha pelas orelhas e deitá-lo fora, a pontapés. Mas conservei-o para vingar-me [...]”. (RAMOS, 2008, p. 140).

O ciúme excessivo transformou Paulo Honório em um homem totalmente perturbado e ainda mais agressivo. Ele via inimigos em toda parte, e estava quase convicto de que Madalena o traía.

[...] Comecei a mexer-lhe nas malas, nos livros, e a abrir-lhe a correspondência. Madalena chorou, gritou, teve um ataque de nervos. Depois vieram outros ataques, outros choros, outros gritos, choveram descomposturas e a minha vida se tornou um inferno (RAMOS, 2008, p. 148).

Perante desconfianças e falsas acusações do marido, Madalena estava vivendo com angústia e aflição. Nem mesmo o nascimento de seu filho encerrava sua tristeza. “Madalena andava pelos cantos, com as pálpebras vermelhas e suspirando [...] chorava como uma fonte [...] chorava, chorava, até que por fim, cansada de chorar, pegava no sono [...]” (RAMOS, p. 163). Dessa forma, sem

perspectivas, sem esperanças e imersa em depressão Madalena decide pelo pior, o suicídio. Mesmo em um diálogo terminal com Paulo Honório, em sua generosidade, ela intercedeu por outros, como evidencia o trecho:

[...] Seja amigo de minha tia, Paulo [...] Seu Ribeiro é trabalhador e honesto, você não acha? [...] O Marciano... Você é rigoroso com o Marciano, Paulo. – Ora essa! Exclamei enfadado. Que rosário! – Não se zangue, disse Madalena sem erguer a voz (RAMOS, p. 172).

Madalena não havia se adaptado ao contexto de supressão que lhe era imposto, por este motivo acabou optando pelo isolamento e introversão, os quais a levaram ao suicídio. Pode-se constatar da morte de Madalena no seguinte trecho:

Subindo os degraus da calçada, ouvi gritos horríveis lá dentro. – Que diabo de chamego é esse? Entrei apressado, atravessei o corredor do lado direito e no meu quarto dei com algumas pessoas soltando exclamações. Arredei-as e estaquei: Madalena estava estirada na cama, branca, de olhos virados, espuma nos cantos da boca. Aproximei-me, tomei-lhe as mãos, duras e frias, toquei-lhe o coração, parado. Parado. (RAMOS, 2008, p. 175-176).

Madalena resistiu até onde pôde àquele cenário de submissão. Nela houve resistência, no sentido de não concordar, nem compactuar com as atitudes grosseiras do marido. Ela reprovava a maneira como ele lidava com seus empregados, bem como a maneira que a tratava. Neste sentido, pode-se entender que o anseio por justiça, liberdade e independência foi o principal motivo que impulsionou Madalena a enfrentar Paulo Honório, sendo que o mais importante método de resistência foi sua bondade, justiça e caridade para com os demais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das conquistas já realizadas, a mulher ainda é marginalizada e tida como inferior, pois essa ideia de inferioridade e de subserviência ao domínio masculino deriva de um processo histórico que veio se perpetuando com o patriarcalismo, regime no qual a figura masculina exerce o papel de superior.

Analisando a personagem Madalena da obra São Bernardo, de Graciliano Ramos pode-se concluir que ao longo dos tempos, a mulher vem sendo inferiorizada e subjugada pelo homem, que historicamente veio afirmando-se como um ser soberano, detentor de poder. Nas atitudes de Madalena pode-se constatar certa relutância em ser dominada pelo esposo Paulo Honório. Ela luta para desconstruir o conceito do servilismo feminino, no qual a mulher deve prestar total subserviência ao homem, mesmo que este não considere suas preferências ou vontades.

Pode-se perceber que a mentalidade patriarcal, que discrimina e marginaliza a mulher, ainda se faz presente na sociedade atual, pois o conceito de submissão feminina veio se afirmando através dos tempos. A mulher, mesmo inconscientemente, acaba contribuindo com o preconceito e marginalização própria, pois educam seus filhos com conceitos distintivos e machistas.

Madalena desmistifica o estereótipo de que “lugar de mulher é só na cozinha”, pois ela conversava e tratava de vários assuntos, em pé de igualdade, com os homens da fazenda, o que irritava Paulo Honório que chegou a afirmar: “mulheres sabidas são horríveis”. Madalena foge às regras que são impostas às mulheres pelo senso comum, as quais distinguem as atividades do homem e da mulher.

Por este motivo não é tão fácil para a mulher superar os paradigmas a ela atribuídos. No entanto, muitas mulheres já superaram o clichê de que ‘mulher é sexo frágil’, isto é, deixaram de lado o comodismo e partiram rumo à sua independência, mostrando que não precisam da figura masculina para existir, para ocupar seu lugar no mundo e assumir uma identidade feminina.

Assim como Madalena, muitas mulheres têm resistido, não sem dificuldades, à subordinação e total dependência do homem. Muitas delas têm lutado contra as regras previamente impostas pela sociedade, muitas têm vencido obstáculos e alcançado sua independência.

## REFERENCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Nova Fronteira, 1949.

\_\_\_\_\_. **O Segundo Sexo: A Experiência Vivida**. 2 ed. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1967.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 43. Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Educação pela noite e outros ensaios**. 2. Ed. São Paulo: Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. **Ficção e Confissão**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

CEREJA, Willian Roberto, MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português Linguagens**. Atual Ed. São Paulo, 2003.

Janaína Ângela da Silva. **Contrapontos entre o masculino e o feminino em São Bernardo, de Graciliano Ramos**. João Pessoa. Disponível em: <http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/6158/1/Arquivototal.pdf>. Acesso em 26 de maio de 2015 às 16: 21.

**Estudos de gênero**. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Estudos\\_de\\_g%C3%AAnero](http://pt.wikipedia.org/wiki/Estudos_de_g%C3%AAnero). Acesso em 19 de maio de 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KOSS, Monika Von. **Feminino + masculino: uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades**. São Paulo: Editora Escrituras, 2000.

LAURETIS, Teresa de. **A tecnologia do gênero**. In: HOLLANDA, Heloisa (Org.). *Tendências e Impasses - O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MURARO, Rose Marie. **A Mulher no Terceiro Milênio**. 2.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

OLIVEIRA, Clenir Bellezi de e JORDÃO, Rose. **Linguagens, Estrutura e Arte-Língua, Literatura e Redação**. 4 Ed. São Paulo: Moderna, 2005.

**Proessos Civilizadores**. Disponível em: [http://www.uel.br/grupoestudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais12/artigos/pdfs/comunicacoes/C\\_Oliveira3.pdf](http://www.uel.br/grupoestudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais12/artigos/pdfs/comunicacoes/C_Oliveira3.pdf). Acesso em 25 de maio de 2015.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. 86ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

\_\_\_\_\_, Graciliano. Rio de Janeiro: Agir, 1975, p. 9. **Nossos Clássicos** Ed. Martins Fontes: São Pulo, 1970, p. 241.

**Significado de Patriarcado.** Disponível em:  
<http://dicionariodoaurelio.com/patriarcado> acesso em 25 de maio de 2015.

**Seca, corrupção e incompetência.** Disponível  
[http://www.istoe.com.br/reportagens/292306\\_SECA+CORRUPCAO+E+INCOMPETENCIA](http://www.istoe.com.br/reportagens/292306_SECA+CORRUPCAO+E+INCOMPETENCIA). Acesso em 26 de maio de 2015.